

IGREJA EVANGÉLICA METODISTA PORTUGUESA

Caderno de Estudo preparado
pela Comissão de Evangelização
sob a orientação do Conselho Presbiteral

Igreja Evangélica Metodista Portuguesa
Praça Coronel Pacheco, nº 23
4050 PORTO

Comissão de Evangelização:
Rev. Carlos Jaime Nunes Bueno - Coordenador
Rev. Eduardo Manuel da Silva Conde de Almeida

APRESENTAÇÃO

Já tivemos a oportunidade de estudar o primeiro caderno “Igreja, Hoje e Amanhã” que nos propôs uma reflexão acerca da vocação da Igreja enquanto Corpo de Cristo. Com este caderno damos início à reflexão sobre a Missão e o Discipulado Cristão.

Usamos para estes estudos, as lições de uma das revistas publicada pela Imprensa Metodista do Brasil, para a Escola Dominical. Optámos por este material por entendermos que ele nos vai ajudar a compreender, de uma forma simples, o que é ser discípulo de Cristo no mundo actual.

Com esta segunda publicação, e no início do segundo ano da Campanha de Evangelização, queremos fortalecer a participação de todos quantos estão comprometidos com o Evangelho do Reino de Deus, capacitando-os cada vez mais para a Missão.

Este empreendimento só será possível na razão directa da nossa melhor compreensão acerca das exigências do Reino. A nossa disponibilidade, a nossa capacidade de reconhecermos os seus sinais, são factores importantes e vitais para que o Reino atinja toda a comunidade humana.

Comissão Evangelização

16 de Março de 1996

ÍNDICE

A Missão e o Discipulado	7
1. Chamada ao Discipulado	8
2. O Significado do Discipulado	11
3. Condições para o Discipulado	15
4. Opção pelo Discipulado	19
5. Envio: O Caminho do Discipulado	22
A Missão e os Sinais	25
1. O Sal e a Luz	25
2. Amar os Inimigos e Possível	29
3. Perdão: Uma Prática Difícil	32
4. O Amor ao Próximo: Sinal da Missão	35
5. A Nova Justiça	39
A Missão e a Comunidade	42
1. A Vigilância	42
2. O Lava-Pés	46
3. Unidade: Um Desafio da Missão	49
4. A Grande Comissão	52
5. Visão Missionária	55

A MISSÃO E O DISCIPULADO

(A prática de Jesus)

A missão é o grande tema deste novo caderno da Comissão de Evangelização. Para melhor aproveitamento do tempo e da oportunidade de estudá-la, foi dividida em três subunidades:

1. A missão e o discipulado,
2. A missão e os sinais.
3. A missão e a comunidade.

A nossa principal ênfase será a prática e o ministério de Jesus face ao discipulado e à missão. As lições estão divididas em quatro partes:

- **O texto**, que é o básico para a aula. Incentivamos a procurar textos paralelos e que ajudem a complementar o estudo.
- **Reler**, uma apresentação sintética do texto e algumas explicações.
- **Compreender**, que traz observações a respeito do texto que podem ajudar a compreendê-lo melhor.
- **Contextuação** do texto e **Reflectir em grupo**, uma utilização dos textos nos dias de hoje para a vida e a reflexão da Igreja.

A todos um bom trabalho! E que a missão possa ser não só assunto do grupo mas, acima de tudo, prática de todo o dia!

CHAMADA AO DISCIPULADO

O texto

Mateus 4,18-22

(leia também Lucas 5,1-11; Mateus 9,36-10,1)

Reler

O texto de Mateus 4,18-22 apresenta-nos a vocação dos quatro primeiros discípulos. Em alternativa ao seu trabalho quotidiano surge um novo desafio. Ao invés de pescar peixes, são chamados a ser pescadores de homens. Este novo desafio é apresentado por Jesus.

Em Mateus 9,36 e 10,1 encontramos a contrapartida da chamada. Jesus vê a multidão que está “como ovelhas sem pastor”. Estas duas realidades são apresentadas nestes textos. De um lado, a chamada à missão; de outro, a necessidade de pessoas para realizar esta missão. De um lado o envio, de outro, a necessidade!

Compreender

É importante perceber o lugar em que se encontram estes dois textos do Evangelho de Mateus. O primeiro prepara os leitores para o sermão do monte. À chamada para o discipulado seguem-se as orientações do que é ser um verdadeiro discípulo. O

segundo texto é uma introdução ao ensino sobre as dificuldades e as características da missão. O elo comum entre estes dois textos é o da chamada ao discipulado que exige compromisso. Este compromisso manifesta-se como um compromisso com o Reino de Deus e a sua justiça, apresentada no Sermão do Monte. É também um compromisso com a missão, os seus desafios e as suas dificuldades. Este compromisso requer opções radicais e nem mesmo a família pode ser mais importante que a missão. Neste contexto, a prática de vida dos cristãos não pode seguir o modelo de outros grupos, que apresentam outras soluções para os compromissos da vida. Por isso os discípulos devem fazer com que a sua justiça exceda a dos fariseus e publicanos. Uma pergunta poderia ajudar-nos a entender o significado deste texto para as comunidades cristãs no primeiro século: o que significava este texto para a comunidade de Mateus?

A comunidade de Mateus viveu fora da Judeia após a destruição do templo de Jerusalém no ano 70. Com a destruição do templo os fariseus reorganizaram o judaísmo, tornando-o extremamente rigoroso no que diz respeito às leis e práticas farisaicas, ameaçando de expulsão todos aqueles que não seguissem as suas normas.

Com isso, a comunidade - que já não tinha pátria - viu-se ameaçada de perder também a sua identidade cultural devido à sua fé em Cristo.

Os textos levaram àquela comunidade um desafio. Os seus próprios irmãos (judeus) esforçavam-se por vê-los renegar a Cristo. Em qualquer momento o compromisso de fé que o cristianismo coloca é radical. Nenhuma pessoa, instituição ou qualquer outra coisa pode ser colocada acima dos compromissos que o Reino coloca.

Contextuação

Vivemos num período em que os conceitos de missão, discipulado e compromisso com o Reino já não despertam tanta paixão. Muitas vezes os olhos estão como que turvados para descortinar a Seara, que é grande em comparação com o número de trabalhadores. Perante este quadro torna-se fundamental resgatar as lições que estes textos trazem.

A chamada ao discipulado, o compromisso com o Reino, as mudanças radicais no modo de vida que este compromisso coloca constituem-se como alicerce da vida cristã. Com isso somos levados a questionar a nossa prática de vida nas igrejas, no lar e em todos os momentos do nosso viver. Do mesmo modo, somos desafiados a analisar tudo o que se opõe à nossa fé levando-nos a negar a Cristo.

Reflectir em grupo

1. Como vive a sua comunidade face aos desafios que a missão coloca?
2. Faça uma lista do que obstrui a prática da fé cristã na sua igreja e na vida de cada um dos seus participantes?
3. Qual é a ideia que o seu grupo tem sobre o “discipulado”?
4. Faça um levantamento sobre os lugares possíveis para a prática da missão.
5. Procure estabelecer no seu grupo um projecto para alcançar uma parte destes desafios anteriormente levantados.

O SIGNIFICADO DO DISCIPULADO

O texto

Lucas 9,57-62

Reler

O texto fala de algumas situações em que o discipulado se coloca acima de outros valores. A primeira personagem quer seguir a Jesus mas é alertada por Ele de que o filho do homem não tem onde reclinar a cabeça. A segunda é convidada ao discipulado mas tem relutância em aceitar pois quer primeiro enterrar o pai. A terceira apresenta-se como alguém desejoso de seguir a Jesus, mas quer, em primeiro lugar, despedir-se dos que estavam em sua casa. Jesus lhe adverte que quem deseja segui-lo não deve olhar para trás.

Compreender

O texto apresenta-se com uma estrutura interessante:

- primeira personagem: oferece-se para seguir a Jesus;
- segunda personagem: é chamada para ser discípulo;
- terceira personagem: oferece-se para seguir a Jesus.

Vamos deter a nossa atenção na primeira e na terceira personagens, que se oferecem para seguir a Jesus. As duas manifestam o mesmo desejo e às duas surgem advertências. A primeira não coloca nenhuma condição; ao contrário, afirma que vai seguir a Jesus para qualquer lugar que Ele vá. A ele é lembrado que o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. Por outras palavras a disposição para o discipulado tem de estar associada a uma consciência muito clara dos desafios que isso significa. A terceira também manifesta o desejo de segui-lo, mas coloca uma condição: despedir-se primeiro dos que vivem em sua casa. A este é lembrado que aquele que lança a mão do arado não pode olhar para trás. O compromisso com o discipulado não admite imposição de condições. A primeira e a última personagens formam um quadro em que o desejo de seguir a Jesus é confrontado com duas práticas não admissíveis. Há que ter plena consciência do que significa ser cristão e há que estar consciente que não há nenhuma pré-condição que se coloque ao discipulado.

A personagem central ocupa um lugar importante não apenas na estrutura mas também no conteúdo deste texto. Ela é a única a ser chamada para o discipulado. Aceita o convite, porém pede para primeiro ir enterrar o seu pai, ao que lhe é respondido que os mortos devem enterrar os seus mortos e ele deve anunciar o Reino de Deus.

Este texto tem sido um problema para os estudiosos do Novo Testamento. A sua radicalidade é tão grande que assusta; para abrandá-la, alguns estudiosos propuseram que o pai da referida personagem ainda estivesse vivo e que, conseqüentemente, a solicitação da personagem era de continuar com o pai até à sua morte.

O texto não dá nenhuma pista para chegarmos a esta conclusão. Entendemos que a frase deve ser compreendida em toda a sua abrangência. Nem o enterro do pai deve estar acima do discipulado.

O mundo tem mortos suficientes (espiritualmente) para enterrar os mortos (fisicamente). O que ele não tem são pessoas para anunciar o Reino de Deus. A disposição de seguir a Jesus coloca-se de forma radical e absurda para os conceitos do mundo, mas é assim. Por isso é necessária uma profunda consciência do passo que se está a dar; um despojar-se de todas as condições que nos amarram e uma convicção de que a missão coloca-se acima dos valores e da lógica do mundo em que vivemos. Isto constitui a radicalidade do compromisso do discipulado cristão!

Contextuação

Esta proposta surpreende-nos ainda hoje. Isto é sinal de que a sua radicalidade ainda nos abala, nos desafia e nos convida a assumirmos compromissos mais sérios com os valores do Reino de Deus.

É muito comum encontrar entre nós pessoas que assumem o cristianismo num ambiente de euforia para depois se surpreenderem com as dificuldades da prática da missão cristã. Encontramos também outras dispostas a seguir Jesus e assumir os compromissos desta escolha, mas que antes têm alguma coisa mais importante para fazer.

Finalmente, encontramos pessoas que dentro da nossa compreensão apresentam justificativas lógicas para retardar a decisão; ainda assim, a lógica do Reino é diferente da nossa lógica. Este último caso é o mais difícil de identificar na vida da Igreja porque muitas vezes é o nosso próprio retrato. É nesta hora que o desafio, a radicalidade e o verdadeiro significado do

discipulado cristão tem de surgir nas nossas vidas e na vida das nossas comunidades.

Reflectir em grupo

1. É possível para o seu grupo identificar estas situações na vida da Igreja de hoje?
2. Dê exemplos de desculpas que configurariam cada um dos casos apresentados.
3. Discuta com o seu grupo como é que o compromisso com o discipulado pode questionar os nossos valores. Quais seriam os valores mais seriamente questionados?
4. Faça uma lista das desculpas mais frequentes que surgem na vida da igreja como impedimento à prática do discipulado.
5. Em quais dessas desculpas se revê? O que fazer para mudar?

CONDIÇÕES PARA O DISCIPULADO

O texto

Marcos 8,31-33;34-38; 10,35-45.

Reler

Temos três situações concretas de onde brotam ensinamentos sobre as condições para seguir a Jesus. A primeira relata a actuação de Pedro face ao discurso de Jesus sobre a Paixão e sua morte. Pedro não tinha ainda entendido claramente as condições básicas para seguir a Jesus. Quando ele se defronta com a radicalidade da posição do mestre face às autoridades religiosas e políticas da sua época procura preservar a vida de Jesus, desencorajando-o a ir para Jerusalém. Nesse mesmo momento Pedro é mais um a compor as forças do mundo que buscam fazer prevalecer a lógica do tempo presente sobre a lógica do Reino de Deus. Pedro é advertido com palavras duras: *“Afasta-te de mim, Satanás, porque não pensas nas coisas de Deus mas nas dos homens.”*

O segundo texto é um convite para assumir integralmente a missão, o que implica negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e seguir a Jesus.

Quem fizer isto, perdendo a sua vida irá salvá-la; caso contrário, irá perdê-la. A terceira situação confronta os valores do presente com os valores do Reino. Tiago e João pedem para participar da

glória de Jesus. No Reino, um quer sentar-se à direita e o outro à esquerda do trono. Jesus pergunta se eles podem participar do seu cálice, pois não cabia a Ele oferecer o lugar no trono. A única coisa que poderia ser realmente oferecida era a participação no cálice da glória de Jesus.

Compreender

O primeiro texto tem uma mensagem clara e directa: seguir a Cristo é escolher a um Senhor e a um caminho. Qualquer acção movida em direcção diferente à da vontade de Cristo leva ao jugo de um outro senhor. Seguir a Cristo é saber discernir de entre as diversas e oponentes vontades que tentam imperar, qual é a de Jesus!

O segundo texto é um pouco mais complexo, pois apresenta um dado histórico que precisa ser observado. É comum ouvir falar sobre o “tomar a sua cruz” como o assumir de uma vida de sofrimento, dor e angústia - uma posição masoquista. Não é bem este o sentido da frase. Antes de ser usada por Jesus ela era já lema de um outro grupo, os zelotes. Este grupo, como movimento revolucionário, vivia diariamente à eminência da cruz - castigo dos romanos para aqueles que atentavam contra a ordem.

Deste modo, quando alguém queria ingressar no movimento deveria estar consciente do risco que corria. Por isso “tomava a sua cruz”, isto é, assumia o risco da morte devido às suas convicções. Isto servia para evitar o ingresso de entusiastas, eufóricos num primeiro momento mas desesperados quando confrontados com perseguições, abandonando as suas convicções e traindo assim o movimento.

Ao usar esta frase Jesus referia-se a este mesmo sentido. Ninguém ingressava no movimento de Jesus para salvar a sua

vida ou tê-la como centro dos interesses, atenções e esforços. Ao contrário, ingressava no movimento e perdia a sua vida, muitas vezes literalmente, como resultado do viver a vontade de Deus numa sociedade injusta.

O terceiro texto completa este segundo. É um exemplo concreto do desejo pernicioso de ingressar no movimento visando os prêmios. O que Ele pode oferecer aos seus seguidores é a oportunidade de participar do seu cálice. O cálice é o caminho do Reino; buscar a própria glória é o caminho que conduz à direção oposta. O fio condutor que aglutina estes três textos é a luta entre a vontade humana e o caminho de Deus.

Contextuação

Parece que estamos a visualizar as nossas igrejas quando olhamos para estes textos. Quantas vezes face a um desafio maior buscamos um caminho mais fácil, “fugindo de Jerusalém”. Também não é difícil encontrar aqueles que iniciam uma febril vida cristã mas que “esfriam” tão rápido como começaram. Ao defrontarem-se com as primeiras dificuldades perdem o vigor.

Muito mais fácil é encontrar aqueles que buscam a glória pessoal através da prática da vida na Igreja. E poderíamos finalmente dizer: mais comum do que tudo isto é descobrir que, em muitos momentos, acabamos por compreender que nos integramos numa destas três características anteriores ao fazermos uma análise da nossa vida e da vida da nossa comunidade.

Por isso o texto coloca claramente as condições para o discipulado. A primeira é assumir o caminho para Jerusalém como o nosso caminho; a segunda é estar bem certo sobre o que significa fazer esta opção; a terceira é estar consciente de que esta opção é baseada na fé em Cristo e não no desejo de auto promoção.

Reflectir em grupo

1. Faça uma avaliação da caminhada do seu grupo e verifique se é verdade que muitas vezes incorremos numa destas três características.
2. Faça uma avaliação da “Igreja que trabalha enfatizando os Dons e Ministérios” face à “Igreja que enfatiza Cargos e Poder”:
 - Quais são as diferenças fundamentais?
 - O que é exigido às pessoas que procuram trabalhar exercendo o seu Dom?
 - O que acontece na vida da Igreja quando os Dons e os Ministérios são vividos?
 - Quais são os desafios a serem ainda vencidos?
3. Como é que o estudo destas três características do discipulado vos pode ajudar neste processo?

OPÇÃO PELO DISCIPULADO

O texto

Mateus 6,24-34

Reler

O texto apresenta-nos ensinamentos sobre a opção pelo discipulado. A primeira lembrança é a impossibilidade de servir a dois senhores. A segunda é que, olhando a natureza, percebemos que não adianta preocuparmo-nos com o que comer ou beber, pois esta é a preocupação daqueles que não estão no caminho do Reino. A terceira, como uma advertência, estimula-nos a buscar o Reino de Deus e a sua justiça em primeiro lugar. Finalmente, como um conselho, exorta-nos a não preocuparmo-nos com o dia de amanhã; *“basta a cada dia o seu próprio mal”*.

Compreender

Este texto faz parte do Sermão da Montanha. Está incluído nas orientações para que os discípulos vivam o difícil caminho do discipulado cristão. A chave para entender este texto está no versículo 32, onde é lembrado que são os gentios que se preocupam com o que deverão comer ou beber. É importante perceber em tal afirmação, uma crítica à lógica da acumulação dos gentios, em especial a fome de acúmulo que o Império

Romano possuía. Desta forma não se critica a preocupação justa com a sobrevivência baseada na necessidade do pão. Isto é perceptível nos próprios relatos do Novo Testamento, pois quando olhamos para o exemplo das Igrejas Cristãs encontramos momentos de preocupação com a “comida” do amanhã. Um deles é a preocupação de Paulo com a fome da Igreja de Jerusalém, organizando para ela uma colecta entre as Igrejas. Com isso o texto não quer despertar na comunidade cristã uma passividade frente aos desafios da vida. O que ele quer é condicionar a vida a um novo princípio orientador. Se a vida dos gentios é dirigida pela lógica do futuro, onde a prática do hoje é condicionada à preocupação com a roupa e a comida que se vai vestir e comer amanhã, a prática do cristão deverá ser regida por uma outra lógica.

Quando eu vivo hoje para atender aos interesses do amanhã sirvo a um Senhor diferente: ao meu corpo e ao dinheiro. A opção pelo Reino coloca Cristo como Senhor da nossa vida e manifesta em nós o desafio de viver a sua vontade a cada dia . Desta forma, não é a lógica do acúmulo para o amanhã que rege a vida mas é a missão quotidiana que impulsiona a caminhada cristã. Cada dia apresenta os seus desafios e seu próprio mal. Assim, o verdadeiro comer e vestir é a prática diária da vontade soberana de Deus.

Contextuação

Nada mais actual para os nossos dias do que este texto e os seus desafios. Quando ligamos a televisão, o rádio, abrimos o jornal, revistas, ou ouvimos qualquer conversa na rua, o tema é o acumular para o dia de amanhã. Logicamente isto é provocado pela crise económico-financeira que marca o momento actual, e é até aconselhável encarar o amanhã com atenção e cuidado.

O texto diz-nos, alertando-nos, que esta atenção e este cuidado não podem ser impedimentos para a prática do discipulado. Quando a nossa preocupação com o amanhã se torna o lastro das nossas vidas estamos a servir um outro Deus, que não o Pai.

Mais uma vez encontramos o discipulado como um caminho difícil. E ele exige que sejamos seguidores de Cristo em primeiro lugar, buscando o Reino de Deus e a sua justiça!

As demais coisas serão acrescentadas pelo Pai, mas é preciso destacar que as demais coisas são aquelas que necessitamos para a vida cristã e não aquelas que desejamos dentro da lógica do “mundo”.

Reflectir em grupo

1. Como é possível viver no mundo do acúmulo a lógica da missão?
2. Quantas vezes a Igreja não investe na missão, preferindo investir os seus recursos em aplicações no mercado financeiro?
3. Faça uma lista sobre os sinais que pode ver na sua comunidade do viver o Senhorio de Cristo contra a lógica deste mundo (aspectos positivos).
4. Na vida da Igreja cristã existem exemplos de pessoas que no interesse do acúmulo colocam a prática da vida cristã em segundo plano. Comente esta afirmação.
5. Por outro lado, existem exemplos de pessoas que procuram ter uma “vida cristã intensa” considerando que isso obrigará Deus a dar-lhes tudo aquilo que desejam acumular. Comente!
6. A partir dos dois exemplos anteriores (negativos) tente traçar o perfil do que seria o verdadeiro cristão nos dias de hoje.

ENVIO: O CAMINHO DO DISCIPULADO

O texto

Mateus 10,1-25

(leia também Mateus 9,35-10,42)

Reler

Temos diante de nós o envio dos discípulos à missão. Não é uma tarefa fácil. A prática da missão já vem carregada de sinais que devem marcar a vida dos discípulos (10,1-16).

Somam-se a estas dificuldades as perseguições que irão sofrer (10,17-23). Perseguições que acontecerão também em forma de calúnias. Se o chefe da casa foi chamado de Belzebu, quanto mais os familiares. Se Cristo foi caluniado e perseguido quanto mais os seus discípulos.

Compreender

Este texto possui uma riqueza tão grande que poderíamos escrever várias lições sobre ele. Por isso, temos que escolher uma única porta de entrada, deixando as outras de lado.

A nossa porta de entrada será o envio. Ser discípulo é estar pronto para o envio. É importante não perder esta dimensão, pois muitas vezes ouve-se falar de discipulados que se resumem a estudos, segmentos desvinculados do seu complemento maior - o

envio à missão. Jesus chamou os discípulos para aprenderem com Ele mas também enviou-os para cumprirem a missão. Em nenhum momento fez promessas de “vida tranquila”, “promoções pessoais” ou mesmo “popularidade”. Antes, advertiu seriamente que seriam, inclusive, chamados de “filhos ou servos de Belzebu”. A missão exigiu decisão e disposição por parte dos discípulos, que deveriam deixar tudo e segui-lo.

Contextuação

A última lição desta subunidade (O discipulado) apresenta uma síntese do que vimos anteriormente. O discipulado é a resposta a uma chamada para assumir um novo modo de vida. Esta resposta deve ser consciente e incondicional, tendo como centro da vida a busca pelo Reino de Deus e a sua justiça. Este processo culmina com o envio.

A nova opção de vida fundamentada na busca pelo Reino e a sua justiça é orientada pela vontade soberana do Pai, a qual centra todos os nossos valores e opções neste compromisso e explode na sua magnitude no envio para a missão. Por isso, vida cristã sem envio é como um show de fogos de artifícios sem as explosões. Tem-se os foguetes, o lugar, o motivo, mas não se atinge os propósitos... Assim, não há nem beleza e muito menos alegria.

Somos desafiados hoje a pagar o preço do discipulado em cada momento do nosso viver: em casa, no trabalho, na escola etc. Para isto é necessário uma opção pela vida e valores do Reino de Deus!

Reflectir em grupo

1. Analise com o seu grupo o termo “discipulado” à luz das lições já estudadas. Retome os pontos principais e procure fazer um quadro que deverá ficar afixado na parede da sala de reuniões da sua igreja.
2. Há na sua comunidade um programa de preparação de novos discípulos?
3. Como é que a sua comunidade tem tentado suprir a falta de pessoal para a missão?
4. Com base nestes estudos levante algumas dificuldades encontradas para realizar a obra de Deus na sua localidade.
5. Faça uma lista de expressões que no entender do seu grupo definem os termos “discipulado e missão”.

A MISSÃO E OS SINAIS

Nesta subunidade atentaremos para os sinais que caracterizaram a missão. Os sinais são as marcas que aparecem na prática do discipulado, ou seja, “é pelos frutos que se conhece a boa árvore”. Analisaremos o sal e a luz do mundo, a ética do amor e do perdão e o alicerce do Reino - a Justiça.

O SAL E A LUZ

O texto

Mateus 5,13-16

Reler

Este texto encontra-se no conhecido Sermão da Montanha. Nele os discípulos são comparados ao sal e à luz. Duas figuras tão distintas e, ao mesmo tempo, servindo conjuntamente para definir o que é um discípulo.

O que aproxima as duas figuras é a impossibilidade de serem algo diferente do que são. O sal serve apenas para salgar, a luz para iluminar, só um louco a colocaria debaixo da mesa.

Compreender

O Sermão da Montanha traz uma série de instruções para os discípulos. O nosso texto encontra-se na primeira parte, logo após as bem-aventuranças, como uma espécie de introdução ao sermão. Assim, o texto que estamos a abordar é a exortação de abertura deste sermão.(5,13-16) Pode-se perceber a importância que este texto tem para a pregação de Jesus neste momento.

Para entender melhor o texto devemos observar algumas das suas peculiaridades. A primeira é com relação ao sal. O sal constituía-se como elemento fundamental para a vida do mundo antigo. A função de dar sabor era a menor delas. O seu papel principal era o de conservar os alimentos, tanto para o consumo doméstico como para o comércio, permitindo que fosse vendido, principalmente, o peixe. Além de ser elemento fundamental no quotidiano do mundo antigo, outro detalhe que devemos destacar é que o sal não se estraga. É um elemento da natureza que não perde a sua característica fundamental.

Desta maneira percebemos os desafios que surgem a partir da compreensão do significado do sal. Ele é essencial para a manutenção da vida e nunca perde as suas características. Os ouvintes destas palavras entenderam a lição que estava a ser apresentada. O sal não se estraga, portanto o verdadeiro discípulo não pode perder as suas características e o seu papel de preservar a vida no mundo.

A segunda peculiaridade é com relação à luz. Ela está associada à impossibilidade de ser escondida e ao lugar que deve ocupar, no teto da casa e não em baixo da mesa.

Nesta referência à luz também temos as contradições que aparecem no sal. É uma loucura construir uma cidade no alto de

uma colina e querer escondê-la. É impossível, já que não é este o objectivo. Também é loucura esconder a luz. Se acendemos a luz é com o objectivo de iluminar. Acender a candeia para colocá-la num lugar onde não alumia, não será loucura?

Os desafios que surgem a partir da compreensão do significado da luz são vários. O papel do discípulo é iluminar o caminho do Reino. Assim sendo, ele não se pode omitir da sua tarefa. Fazer isso seria loucura?

Contextuação

É comum nos nossos dias ouvirmos comentários a respeito de pessoas que se envergonham de serem cristãs. Também encontramos aquelas que são muito “discretas” na prática do cristianismo. Existem algumas pessoas que compõem um verdadeiro exército de “agentes secretos” de Jesus. É necessário um esforço muito grande para descobrir que são cristãs.

Não é de estranhar, portanto, que este texto seja a primeira exortação do Sermão da Montanha. Ser cristão é ser agente da missão. Ser cristão é praticar, apontar, anunciar o caminho do Reino de Deus.

Por isso o cristão deve ser uma cidade edificada sobre o monte. A sua luz é vista de longe. É loucura querer esconder a luz; é loucura querer esconder que se é cristão.

O cristão é sal da terra. Do mesmo modo que este, não perde as suas características. Não existe um cristianismo que não seja a verdadeira prática dos princípios do Reino, presentes na vida e ensinamentos de Jesus. O verdadeiro discípulo precisa de reflectir os valores do Reino de Deus no seu constante viver.

Reflectir em grupo

1. Comente no seu grupo sobre as interpretações que cada participante conhece a respeito deste texto.
2. De que modo estas interpretações complementam ou contradizem o estudo feito aqui?
3. Comente sobre o que é ser cristão no mundo em que vivemos.
4. O que é ser sal e luz para o seu grupo, à luz do que se levantou na questão anterior?
5. Terá este estudo ajudado o seu grupo a entender a necessidade de viver e praticar o evangelho do Reino; e o que pode ser feito para transformar o quadro, se for negativo?

AMAR OS INIMIGOS É POSSÍVEL?

O texto

Mateus 5,43-48

Reler

Continuamos com o Sermão da Montanha. Estamos agora numa parte densa do sermão. O capítulo 5,17-48 tem como tema a justiça, a nova justiça do Reino de Deus que modifica os ensinamentos antigos.

Esta nova prática anunciada por Jesus baseada nos valores do Reino de Deus provoca uma inversão das antigas leis. O habitual era amar o amigo e odiar o inimigo. A nova justiça anuncia o amor aos inimigos.

Compreender

Este texto procura confrontar dois conceitos diferentes de justiça. O primeiro baseado na reciprocidade, ou seja, tratar o próximo da mesma maneira que ele nos trata. É a velha máxima conhecida: *“Olho por olho, dente por dente.”* O segundo baseado na ética do amor: tratar o próximo a partir desta máxima - a do amor - e não pelo princípio da reciprocidade. Este ensinamento contradiz a lei que os mestres (escribas e fariseus) do tempo de Jesus viviam e ensinavam. Por isso, não só invertia as relações como também entrava em conflito com as

autoridades da época. Contraditoriamente, a nova justiça do amor era uma justiça do conflito. Deve ser destacado que tanto na época de Jesus como na época da comunidade de Mateus havia uma oposição muito forte das autoridades religiosas aos seguidores de Jesus. Este ensinamento marca uma prática de vida diferenciada para os cristãos. Numa sociedade preconceituosa e violenta com aqueles que se colocam em posição diferente, o cristianismo é marcado pela prática do amor. Isto não significa que esta nova justiça não tenha produzido conflitos, tanto que Jesus foi crucificado, muitos apóstolos foram mortos e um número sem fim de discípulos sofreram violência, perseguição, prisão e até a morte.

Contextuação

O mundo em que vivemos está caracterizado por uma sede incontrolada de amor. Na luta desmesurada pelo poder, na organização de vida que a sociedade moderna impõe e na crise que vive o mundo, as relações tornaram-se de tal modo impessoais que há um vazio enorme de amor. Isto explica o sucesso de muitos movimentos que anunciam modos de vida apocalípticos baseados no amor. Já encontramos estes sinais no movimento *hyppie* na década de 60. Depois disto surgiram movimentos que pregavam a violência como forma de protesto frente à sociedade moderna (*punks, skinheads, neo-nazis, etc.*). A ética cristã de justiça, baseada no amor, confundiu-se com os diversos conceitos de amor que foram surgindo a partir de todos estes movimentos. O conceito mais comumente associado ao conceito cristão é o de que viver o amor é viver bem com todo o mundo, em harmonia com as pessoas e a natureza, sempre feliz. Não é isso que ensina o cristianismo. Por isso Jesus veio trazer “*a espada e o conflito*” (Mateus 10,37-39).

A vida do cristão é marcada pelos conflitos característicos de um estrangeiro que mora fora da sua pátria. O amor surge face às relações, aceitando e amando os inimigos mas confrontando-se com as forças que se voltam contra o Reino de Deus. O amor aos inimigos é possível, é mandamento! O que não se aceita é a passividade diante da vida, e o que é pior, é chamar a isso “amor”.

Precisamos de lutar contra o mal, ou até mesmo lembrar o que antigamente diziam: Deus não aceita, não ama o pecado, mas ama e aceita o pecador. Paulo afirmou que a nossa luta é contra as forças que produzem o mal. Precisamos de viver o Amor e não só falar de “amor”.

Reflectir em grupo

1. Quem são e onde estão os inimigos? Discuta com o seu grupo.
2. Amar o inimigo é sujeitar-se à sua força e usos e abusos de poder?
3. Na comunidade é inevitável a visão diferente por parte dos membros. Como viver a unidade perante a diversidade de pensamentos sem levar as coisas numa perspectiva pessoal (inimizades)? Faça uma relação dos problemas mais comuns na comunidade por diferenças de opinião.
4. A partir destas diferenças, o que podemos fazer para criar na Igreja um ambiente saudável, fruto de uma profunda convivência com Deus, como sinal da maturidade cristã?
5. É possível amar os inimigos quando estes representam as forças do mal? O que fazer para vencê-las?
6. Estabeleça metas para o crescimento da comunidade em termos de relacionamento (conhecimento mútuo) e comunhão (respeito de uns pelos outros).

PERDÃO: UMA PRÁTICA DIFÍCIL

O texto

Mateus 18,10-14; 23-35

Reler

O primeiro texto conta a história de um pastor de ovelhas que notando a falta de uma deixa as outras 99 nos montes e vai procurar a desgarrada. Quando encontra a perdida, a sua alegria é maior do que com as outras 99 ovelhas.

O segundo texto traz uma outra ilustração, a de um rei que perdoou uma grande dívida de um servo. Ao sair da sala do rei, o servo, encontrando um conservo que lhe era devedor (uma pequena dívida em relação à do servo com o rei), passou imediatamente a cobrar a dívida e frente à impossibilidade do conservo pagar-lhe mandou prendê-lo. O rei ficou a saber do acontecido e, criticando o servo, mandou-o para a cadeia.

Compreender

Para entender estes dois textos devemos destacar o facto de que eles inscrevem-se na controvérsia dos judeus com os cristãos. É neste contexto que estas parábolas surtem efeito.

A parábola do pastor que se alegra com a ovelha desgarrada é uma crítica às outras 99 ovelhas. Os judeus entendiam-se como

povo de Deus. A escola mais radical pregava que não deveria haver proselitismo, uma vez que quem não fosse judeu (e conseqüentemente da religião judaica) não teria lugar no Reino de Deus. Com isso eles questionavam os cristãos, ameaçando-os, no caso da comunidade de Mateus, de expulsão da sinagoga. No segundo caso o peso está colocado na severidade do rei para com aquele que não perdoa e não tanto na insensibilidade do servo, que após ter a sua dívida perdoada não soube perdoar a do seu irmão (conservo). Mais uma vez a crítica é dirigida à religião oficial da época.

Os textos procuram mostrar que Deus vê espaço de actuação do amor cristão naqueles que se encontram longe do caminho do Reino. Ao mesmo tempo, adverte que o Reino de Deus não tem “donos terrenos”. Ninguém se pode considerar como modelo, infalível, possuidor das “chaves” de ingresso neste Reino.

Contextuação

Estes textos, principalmente o primeiro, têm sido usados dentro das igrejas de maneira paternalista, colocando sobre o líder ou líderes o encargo de recolher as ovelhas perdidas (só que não se admite que o líder/líderes deixem as outras 99 para realizar esta tarefa).

Por isso, ao falar de perdão é preciso lembrar que este texto é uma advertência àqueles que fazem parte da comunidade de fé. Ser cristão é ser sensível à necessidade daqueles que estão à nossa volta, sabendo dar prioridade aos que mais necessitam da nossa atenção/acção.

O perdão não é um atributo nosso. É um atributo de Deus. Ele perdoa primeiro; se aquele que foi perdoado não sabe repartir perdão não é digno do Reino. Como consequência deste exercício de repartir o perdão surge a restauração. Um exemplo

típico disso é o caso da mulher adúltera. Frente à condenação impiedosa dos ortodoxos da lei surge o perdão de Jesus, e com ele a possibilidade da nova vida: “*vai e não peques mais!*” Infelizmente, muitas vezes não está presente na comunidade o espírito do perdão. Ainda hoje algumas pessoas acreditam que podem atirar a primeira pedra.

Reflectir em grupo

1. Comente com o seu grupo sobre as interpretações conhecidas destes textos.
2. De que forma estas interpretações questionam a Igreja na sua função de repartir o perdão e ajudar na restauração daqueles que se encontram longe do amor de Deus?
3. Como reages a esta afirmação: “Eu perdoos mas não esqueço”?
4. Como reages a esta afirmação: “Aquela pessoa não se arrependeu, apenas sentiu remorso”?
5. Frente a estas reacções, como grupo, qual é o melhor caminho para ajudar alguém que está em pecado, precisando de ajuda?
6. Quem tem o direito de perdoar? Se Deus perdoa as nossas falhas, quem somos nós para imputar peso às falhas dos outros?
7. Olhando o aspecto de comunidade, como é que a sua exerce o seu papel frente àqueles que andam desgarrados da vontade de Deus?
8. Qual o papel e a importância da disciplina na Igreja? Como deve ser ela exercitada e qual a sua função?
9. Como grupo, faça uma lista de sugestões para a prática da disciplina na restauração de alguém que está longe da Graça de Deus.

O AMOR AO PRÓXIMO: SINAL DA MISSÃO

O texto

Lucas 10,25-37; I João 4,20-21

Reler

O primeiro texto, suporte desta lição, ensina-nos acerca de uma das bases do cristianismo - o amor ao próximo. Neste texto ele é colocado como o maior dos mandamentos, junto com aquele que é considerado o primeiro mandamento - amar a Deus. Nesta formulação final, amar a Deus equivale a amar o próximo. O segundo texto desenvolve esta ideia. Como se pode amar a Deus, a quem não se vê, sem amar ao próximo, a quem se pode ver?

No final do primeiro texto é acrescentada a parábola do bom samaritano. Nela exemplifica-se o que é amar o próximo e quem é o próximo. Conta-se a história de um homem (judeu) que sendo assaltado e abandonado à beira da estrada, como morto, não recebeu socorro das autoridades religiosas da época, ao contrário, foi acudido por um inimigo mortal dos judeus, um samaritano. Esta parábola foi dirigida a um jovem judeu, com certeza um fariseu (uma das autoridades religiosas da época).

Compreender

Como já vimos na lição sobre o amor aos inimigos, o Reino confronta dois conceitos diferentes de amor: um baseado na retribuição e outro na gratuidade. No caso do amor ao próximo temos um novo conceito apresentado: quem é o próximo. O conceito vigente diria que o próximo era o judeu (da mesma raça e mesma religião). É por isso que o texto começa com a consulta que o jovem fariseu faz a Jesus. Sabemos que ele é um fariseu porque se apresenta como cumpridor dos mandamentos desde pequeno.

“Qual é o maior dos mandamentos?” A pergunta é normal. A resposta também - já era conhecida dos profetas. Por isso o jovem entende a resposta de Jesus como sábia. Já era sua obrigação conhecê-la. A surpresa surge na ilustração de quem era o próximo. O próximo não eram os detentores da religião oficial mas sim aquele que é sensível à necessidade do outro, mesmo sendo um estrangeiro considerado um inimigo do povo. Esta lição é confirmada no texto de João. O amor a Deus revela-se a partir do amor ao próximo. Como se pode amar a Deus se não se ama o próximo? Assim podemos entender melhor o que é dito em I João 3,16: *“o verdadeiro amor consiste em dar a vida pelo próximo”*.

Deste modo o amor ao próximo manifesta-se em sentido contrário aos interesses pessoais. O próximo é aquele que necessita da nossa prática e não aquele que efectivamente está mais próximo de nós.

Contextuação

Vivemos em comunidade. Todos os segmentos da nossa vida estão vinculados a grupos comunitários. Isso revela-se no nosso trabalho, na nossa residência, nos nossos estudos e também na nossa prática da fé. Estamos sempre ligados a grupos.

Por isso, a nossa prática da fé e outras práticas acabam definindo quem é o próximo pela afinidade de aspirações. Onde moramos, pelas pessoas que tenham o mesmo estilo de morada e de convivência. No trabalho, com aqueles que têm profissões afins à nossa. Na comunidade da fé isso não é diferente: acabamos por identificar o próximo como aquele que apresenta convicções de fé e uma forma de expressá-las semelhante à nossa.

O conflito surge quando aparecem pessoas diferentes num destes espaços. Quando, por exemplo, mudam para o nosso bairro pessoas de hábitos diferentes dos nossos e dos demais moradores há sempre uma reacção de rejeição e de incómodo, que pode até expressar-se de forma violenta.

O mesmo acaba por acontecer onde nunca poderia surgir, no espaço da comunidade de fé. Quando aparecem pessoas com posturas, formas de vestir ou situação social diferente muitas vezes acabamos por reagir negativamente a elas.

A situação piora quando essas pessoas se encontram em necessidade, e muitas vezes pode tornar-se ainda mais complicada. A igreja, em muitos casos, não aprendeu a ser comunidade solidária com o próximo, que dela se aproxima com necessidade e esperança.

Amar o próximo é revelar sensibilidade para reconhecer aqueles que necessitam da nossa acção cristã verdadeiramente solidária. O acto de amor não é uma opção, mas uma resposta.

Reflectir em grupo

1. Enquanto grupo, como reagem quando o próximo se manifesta de uma forma que não preenche as vossas expectativas? É possível dar algum exemplo disto?
2. O compositor brasileiro Vinícius de Moraes fez uma música chamada “O meu vizinho ao lado”. A música conta que ele e o vizinho que morava na casa ao lado sempre se cumprimentaram e ele (Vinícius) considerava-o um bom homem. Um dia este homem matou-se e deixou um bilhete a dizer que tinha cometido este acto pois estava cansado de viver.
Era um solitário. A música termina dizendo que o bilhete estava assinado por Alfredo, mas que ninguém sabia o seu sobrenome.
 - Este é um retrato das relações de hoje?
 - Quem deveria ser o próximo daquele homem?
 - Na sua comunidade, ou no seu grupo, existem pessoas assim?
 - O que é ser o próximo destas pessoas?
3. Trace um projecto de acção solidária que seja possível realizar com o seu grupo.

A NOVA JUSTIÇA

O texto

Mateus 5,17-20

Reler

No texto Jesus apresenta-se como cumpridor da lei, apesar dos fariseus o acusarem de não cumpri-la. Jesus anuncia que toda a lei deverá ser cumprida, algo que os escribas e os fariseus também anunciavam. Mas nesse momento acrescenta que se a justiça dos discípulos não exceder a justiça dos escribas e dos fariseus eles não entraram no Reino de Deus.

Compreender

O texto apresenta uma grande contradição. De um lado, Jesus, que é acusado pelos fariseus e publicanos de beberrão, glutão, Belzebu, samaritano (na época, uma ofensa) e, principalmente, violador da lei, apresenta-se como cumpridor radical da lei. De outro temos os escribas e os fariseus, que se orgulhavam de serem cumpridores estritos da lei, eleitos, protectores e conhecedores das leis da pureza e da justiça. Estes são classificados por Jesus como “abaixo da média” para o ingresso no Reino de Deus.

Tanto que se alguém deseja ingressar no Reino dos Céus a sua justiça deverá ser maior que a justiça destes que se consideram a própria justiça. Desta forma a nova justiça é um modo de vida

que os discípulos deveriam assumir. Uma justiça que, como já afirmamos em lições anteriores, tem o amor baseado na gratuidade como uma das suas características.

A nova justiça, embora pareça “fraca” por não ter as rígidas regras das leis de pureza, é extremamente radical, pois é a vida pautada nesta justiça que cumpre a lei.

Para fariseus e escribas a lei era um conjunto de regras a serem seguidas. No texto de Mateus a lei é retomada no seu sentido mais antigo de orientações para a vida. Por isso quando a prática da justiça é o lastro das acções, a vida é orientada na direcção do Reino de Deus e, conseqüentemente, cumpre-se a lei neste segundo sentido. Jesus não tinha uma prática marcada pelo rigor das regras, mas pela radicalidade da justiça em amor.

Contextuação

Nas nossas igrejas ouvem-se muitas vezes pessoas que desejam maior rigidez e um conjunto de regras melhor definidas para serem seguidas. Também encontram-se clamores contrários, em que se procura uma forma de expressar a fé com mais liberdade e menos regras.

Em ambos os casos o conceito da justiça de Deus e do amor não estão bem compreendidos, uma vez que não há regra maior e mais radical do que a da justiça em amor, e não há liberdade maior do que expressar a fé pela prática da justiça.

Assim sendo, percebemos que a necessidade de regras esconde, muitas vezes, uma fé ainda infantil, sem maturidade para discernir a vontade de Deus que dirige a vida na prática da justiça.

Na prática da igreja é importante entender que a missão está em viver este novo estilo de vida, ou seja, entender que a chamada

de Jesus para a liberdade não pode dar ocasião à carne. Ou ainda, entender que Jesus nos oferece esta oportunidade quando diz: *“Vai e não peques mais”*. Ele não faz um discurso nem estabelece um novo código de leis, apenas insiste em que o pecador deve viver uma nova vida. O novo estilo de vida é pautado pela justiça do Reino de Deus.

Reflectir em grupo

1. À luz do que se estudou nesta lição, como caracteriza o seu grupo ou a sua igreja?
2. Quais são os desafios que o novo estilo de vida coloca ao seu grupo e à sua igreja?
3. De que modo estes desafios podem criar uma nova prática na vida da comunidade?
4. Que entendimento tem agora o seu grupo sobre os “sinais da missão” estudados nesta subunidade? Faça uma avaliação (aspectos teóricos e práticos).
5. Faça uma retrospectiva dos pontos positivos que o seu grupo trabalhou nesta subunidade e de que modo eles vos ajudaram a sinalizar melhor a presença do Reino de Deus.

A MISSÃO E A COMUNIDADE

Nesta terceira e última subunidade abordaremos um aspecto fundamental da missão - a dimensão comunitária. Reflectiremos sobre o desafio que ela (missão) apresenta a uma comunidade que quer prestar um serviço solidário em resposta a um “ide” de Jesus. Para isso é necessário ter uma visão de comunidade missionária ao serviço do povo.

A VIGILÂNCIA

O texto

Mateus 24,42-51

Reler

Este texto surge num contexto de pregação apocalíptica. Nele a preocupação pelo final dos tempos é marcada por uma exortação contrária às expectativas. Ninguém saberá quando se dará a volta de Cristo. Consequentemente a espera deve ser marcada pela vigilância.

Esta é a intenção da ilustração final apresentada, onde temos o exemplo de um servo fiel e prudente que foi colocado a tomar conta da casa e dos criados. Achando que o Senhor iria demorar a voltar, abusou dos servos, oprimindo-os. A advertência vai no sentido de que o Senhor pode voltar cedo, em horário inesperado, e ao surpreender o empregado nesta atitude, agirá de forma violenta contra ele, provocando choro e ranger de dentes.

Compreender

Os capítulos 24 e 25 de Mateus constituem o discurso apocalíptico deste evangelho. A preocupação pelo final dos tempos sempre marcou a história do povo de Deus e no movimento de Jesus esteve presente em vários momentos. Após o surgimento da Igreja esta reflexão voltou à tona várias vezes, como percebemos, por exemplo, no capítulo 21 do evangelho de João. Muitos acreditavam que Jesus voltaria antes da morte do Apóstolo. Desta maneira, os ensinamentos cristãos apareceram sempre de forma exortativa para que a busca do final do mundo não viesse a ser o carácter normativo da vida dos cristãos. A norma de vida deveria ser a vigilância. Mas o que é vigiar? Não há como antever ou espreitar a volta do Senhor. Por isso a vigilância verdadeira é a prática da vida fundamentada nas lições do Reino. As exigências que o Senhor coloca através das suas palavras formam o alicerce no qual se fundamenta a prática da comunidade de fé, que aguarda em vigilância missionária a volta do seu Senhor.

A vigilância missionária é o cumprimento da vocação cristã em todos os momentos da vida de cada indivíduo, da comunidade como um todo, a fim de que estejam sempre prontos para a volta do Senhor. Como se ouve hoje em dia, devemos viver com a

esperança de que Cristo volte amanhã. Mas conscientes de que o dia ninguém sabe e que há dois milénios, praticamente, os cristãos aguardam a volta de Cristo para amanhã!

Contextuação

Não é necessário falar da actualidade deste tema. Basta estarmos atentos aos meios de comunicação, para ver e ouvir mensagens proclamando o fim dos tempos. Isto pode gerar um falso cristianismo, onde a prática da vida é fundamentada no medo pelo fim e não na conversão verdadeira do indivíduo e da comunidade. Assim sendo, a vocação cristã é desenvolvida de acordo com esta vigilância missionária, na qual aguardamos a volta do Senhor trabalhando pela sua causa com verdadeira convicção interior.

É preciso lembrar que existem outros momentos relatados na Bíblia, como o caso da igreja em Tessalónica, onde as pessoas não queriam trabalhar e impediam as outras de o fazerem, para aguardar Jesus e a sua volta. Paulo exorta dizendo que “*se alguém não quiser trabalhar, não coma também*”. Aguardar a volta de Jesus é um acto de esperança, porém não uma esperança passiva. É, antes de mais nada, uma esperança marcada por trabalho e atenção constante à vontade de Deus e aos imperativos do seu Reino.

Reflectir em grupo

1. Usamos nesta lição uma expressão que não existe no meio religioso - vigilância missionária. Como é que o seu grupo definiria esta expressão?

2. Faça uma lista das expectativas que devem marcar a vida dos cristãos e outra das expectativas que não devem marcar a sua vida.
3. Comente as duas listas e diga como se posiciona o seu grupo em relação a elas. Dê também a sua opinião pessoal.
4. A parábola fala do servo bom e prudente, a quem foi confiada uma tarefa que não foi cumprida. O que é ser bom e prudente relativamente aos conceitos discutidos nesta lição? Como aplicaria isto na sua vida e ao seu grupo?
5. Como podemos posicionar-nos face a grupos que pregam um fim iminente do mundo e que nada fazem a favor do Reino de Deus? Qual é a sua posição?
6. Existem muitos pregadores que, embora anunciem o fim iminente, continuam a viver como se isso não fosse acontecer. Ao contrário, guardam dinheiro, fazem grandes investimentos, constroem casas, colocam os seus filhos na escola, além de outras atitudes que mostram uma preocupação com o futuro que, segundo a pregação deles, não existirá. Como é que o seu grupo analisa esta situação?

O LAVA-PÉS

O texto

João 13,1-17

Reler

O texto fala da celebração da Páscoa. Nela Jesus e os seus discípulos preparam-se para participar do ritual. Em determinado momento, numa atitude surpreendente, Jesus realiza uma actividade própria dos escravos: lava os pés dos discípulos.

Pedro revolta-se contra a atitude de Jesus, pois não aceita a sua acção de lavar os pés. Jesus estabelece um diálogo com Pedro, obrigando-o a aceitar esta atitude.

Compreender

Para entender o conflito que está por de trás do texto e que se reflecte fortemente na acção de Pedro, devemos destacar o que significa lavar os pés.

O acto de lavar os pés é um gesto de hospitalidade e de amizade. Era algo normal. O grande problema é que este acto era realizado por escravos não judeus, pelas mulheres ou ainda pelos filhos menores da casa. Era um serviço destinado às pessoas consideradas “desprezíveis” pelos costumes judaicos. Isto é reforçado pela postura de Jesus, que se veste como um escravo para esse momento. Com isto entende-se o protesto de Pedro. Como servo ele deveria lavar os pés de Jesus e não o inverso.

Esta atitude provoca uma inversão no conceito da missão. O papel daquele que executa a missão é o de servir e não o de ser servido. Não podemos esquecer-nos de que o meio religioso que marcava o primeiro século era caracterizado pela supremacia dos doutores da lei e sacerdotes sobre os incultos e pecadores. Um exemplo disto é a atitude de um mestre religioso para com uma mulher. Recomendava-se que ele não deveria conversar com uma mulher em público, nem que fosse a sua própria mulher. Alguns, mais radicais, evitavam até olhar para uma mulher.

A inversão acontece quando o próprio Jesus acaba por assumir uma actividade característica de escravos, mulheres e crianças, que eram considerados inferiores. A missão não é espaço para exaltação e orgulho, mas sim lugar de serviço em humildade. Os que compreenderem esta missão serão felizes (versículo 17).

Contextuação

Vivemos numa Igreja que procura desenvolver a sua missão enfatizando os Dons e Ministérios. Isto significa que os ministérios são exercidos a partir dos dons que caracterizam cada cristão. Assim sendo, a posição ocupada é a posição de servo; aquele que veio para servir os demais.

Esta estrutura provoca dificuldades porque ainda existe nas comunidades uma mentalidade de Igreja como espaço de realização pessoal e auto promoção. Infelizmente, ainda existem pessoas que acreditam ser “donas da igreja”.

O texto do lava-pés, como na época de Jesus, é ainda hoje um alerta para que a missão seja um espaço de serviço, voltada para a necessidade do próximo, lugar onde os desejos de auto promoção e auto-exaltação não se façam presentes dando lugar à convicção de que, servir o próximo é a expressão da vontade missionária de Deus.

Esta compreensão da missão como serviço ao próximo enfatiza a importância de trabalharmos como pessoas cristãs chamadas e vocacionadas para a missão.

A missão acontece quando humildemente assumimos os nossos compromissos para fazermos parte da Igreja e executarmos qualquer tarefa na convicção de que estamos a servir o nosso Deus. Não importa se estamos a fazer um “café”, participando da administração ou na recepção dos trabalhos da Igreja. Tudo o que é feito é fruto de uma profunda experiência com Cristo e serviço alegre para Deus.

A igreja realiza a missão quando definitivamente assume os dons e os coloca ao serviço do Reino de Deus. Precisamos de renovar a nossa experiência ministerial como Igreja e como pessoas ao serviço da Igreja e também da comunidade.

Reflectir em grupo

1. O que significa o versículo 17 do texto da lição? Como o aplicaria à realidade do seu grupo e da sua comunidade?
2. Como entende o antigo lema “viver para servir”?
3. Existe hoje um grupo de pessoas que são consideradas pessoas inferiores? Por quê? Como?
4. Como valorizar o papel dessas pessoas na vida da comunidade e na tarefa de anunciar o Reino de Deus?

UNIDADE: UM DESAFIO DA MISSÃO

O texto

João 17,16-26

Reler

O texto desta lição é parte da oração de Jesus que tem como tema central a unidade dos filhos de Deus. O discurso é simples. Do mesmo modo que Jesus e o Pai são um, o povo também deve ser um a fim de que aqueles que não fazem parte do povo escolhido venham também a sê-lo.

Compreender

Este texto deve ser visto à luz dos conflitos que marcavam a comunidade de João. Esta comunidade vivia a iminência da ruptura, marcada por diferenças internas. Havia diferenças teológicas e culturais, entre outras. Alguns acreditavam que Jesus não havia vindo em carne. Outros eram seguidores de João Batista. Para completar, ainda sofriam a pressão da sinagoga que tudo fazia para expulsar os que se consideravam cristãos, obrigando os que eram apegados à sua tradição judaica a terem que renegar a sua fé em Cristo.

O evangelho de João procura retomar os ensinamentos de Cristo à luz destes conflitos.

Um tema que não poderia faltar é o da unidade. A missão seria levar outras pessoas a ingressar no caminho do Reino. O Reino cria unidade, portanto, ela deve ser, uma característica do povo que vive neste caminho. Por isso a percepção externa da existência de um grupo cristão deve acontecer a partir da unidade que este grupo apresenta. Esta é a mensagem que este texto procura transmitir. A unidade como sinal da presença de Cristo na comunidade é um ponto forte da concepção cristã. Enquanto a religiosidade judaica separava as pessoas, classificando-as em puras e impuras, o Reino de Deus cria uma unidade entre as pessoas tornando-as irmãos e irmãs, participantes de uma mesma comunidade de fé e esperança, unidas não em termos de observações de práticas e ritos mas em termos de fé e esperança.

Contextuação

Falar de unidade dentro da Igreja é falar de um tema que não pode ser chamado de “novo”. Quando um tema é muito usado, é sinal de que ou ele é a prática comum ou é algo ainda não apreendido pela comunidade. Cremos que estamos dentro do segundo caso - a procura da unidade ainda se constitui no grande desafio dos nossos dias.

Neste desafio, o texto acrescenta uma argumentação muito forte para acentuar esta procura: o que dá crédito à nossa mensagem, fazendo com que outras pessoas creiam, é a unidade.

Ser um em Cristo é aprender que é possível viver a unidade, mesmo que exista a diversidade de opiniões. Ser um, não pressupõe submissão a uma única “ideia”, mas a prática do respeito pelas diferenças de pensamento e a procura, acima de tudo, do exercício do amor.

Reflectir em grupo

1. A unidade é o objectivo final ou o meio para se atingir a meta?
2. Se é meta, como fica o objectivo de anunciar o Reino de Deus?
3. Se é o meio, é um meio forçado ou é consequência deste caminho?
4. Faz sentido a frase: "Os fins justificam os meios"?
5. Na vida da igreja, conseguimos perceber a unidade entre jovens e jovens, jovens e adultos, adultos e crianças, etc.? Se não percebemos, o que é possível fazer para que isso aconteça?
6. Terá esta lição ajudado o seu grupo a reflectir sobre a importância da unidade para a vida da Igreja e para a prática do amor e do respeito?
7. Faça uma lista de cinco pontos que promovem a quebra da unidade da Igreja.
8. Faça uma lista de cinco pontos que promovam a unidade da Igreja.
9. Como tornar a Igreja mais unida através destes pontos levantados? Dê sugestões. Estabeleça metas e planos!

A GRANDE COMISSÃO

O texto

Mateus 28,19-20 e Marcos 16,15-16

Reler

O final do evangelho de Mateus é formado por estes dois versículos. Neles encontramos o grande desafio missionário de ir por todo o mundo pregando, ensinando e baptizando em nome do Pai. A promessa final é a presença de Jesus todos os dias até a consumação dos séculos.

Compreender

Quando lemos as parábolas do Reino em Mateus, com ênfase no tesouro encontrado no campo, na pérola de grande valor, percebemos que esta comunidade enfrentava problemas de pessoas que não davam o devido valor aos princípios do Reino. Por isso, o evangelho como um todo procura retomar aspectos fundamentais da vocação cristã. O final acaba por sintetizar estas grandes lições. A vocação cristã está fundamentada no envio, e desenvolve-se na prática do anúncio (pregação), do ensino e do baptismo.

O Reino é um tesouro a ser encontrado e isto é apreendido através do “anúncio” *“vendamos todas as coisas para poder*

comprá-lo”, ou seja, é necessário assumir um compromisso de viver a realidade do Reino em todos os instantes da vida. Isto é simbolizado no batismo. A companhia de Cristo - desejo de todos os cristãos - acontece no desenvolvimento desta vocação. Ao assumir o envio ele faz-se presente na nossa prática missionária.

Contextuação

O mundo em que vivemos ensina-nos a colocar no centro das nossas vidas o acúmulo para o nosso próprio deleite. O Reino de Deus, que é por excelência prática missionária, coloca no centro da vida a missão e condiciona as nossas expectativas cristãs, de vivermos a presença de Cristo, à aceitação do envio.

Isto provoca um choque de expectativas. De um lado o acúmulo para o deleite, de outro a vida vivida para levar a mensagem do Reino de Deus por todo o mundo através do anúncio e do ensino marcados pelo batismo. Nas nossas igrejas precisamos estar atentos a estes três importantes elementos da missão:

- 1 - A proclamação como pregação, anúncio dos feitos de Deus nas nossas vidas através do ministério de Jesus Cristo.
- 2 - O ensino como elemento importante no discipulado; formação e orientação daqueles que assumem os valores do Reino através da sua experiência com Deus.
- 3 - O batismo como sinal da nova vida, ou seja, a “marca” por assumir publicamente a sua experiência com Deus e com a comunidade.

Na missão, se qualquer um destes três elementos for negligenciado, poderá surgir uma comunidade sem sentido,

deformada e descuidada, bem como descomprometida com os ensinamentos de Jesus Cristo.

A missão hoje continua a ser realizada com o mesmo imperativo: “*Ide*”! Mas precisamos de nos lembrar que Jesus continua presente, pois a sua promessa foi permanecer conosco “*até ao fim dos séculos*”. Por isso precisamos de caminhar juntos nesta dimensão do Reino de Deus e da sua nova justiça!

Reflectir em grupo

1. Quais são os valores do mundo que se confrontam com os valores do Reino, questionando a Grande Comissão?
2. Como avalia a ênfase no anúncio, ensino e baptismo?
3. Qual é a importância da formação de grupos para reflexão e instrução sobre os valores do Reino e o ministério de Jesus na missão da Igreja?
4. Qual é a ênfase dada na Igreja à missão enquanto evangelização?
5. Quem é o responsável pela evangelização na Igreja local: um grupo de pessoas separadas para este fim, o pastor ou a igreja como um todo? Responda e justifique!
6. Faça com o seu grupo cartazes motivadores para a igreja com o tema da Grande Comissão: anúncio, ensino e baptismo. Deve estar evidente a lembrança da presença, autoridade e poder de Cristo a nós conferidos para esta tarefa. Bom trabalho!

VISÃO MISSIONÁRIA

O texto

Actos 1,6-8

Reler

No momento da ascensão, os discípulos apresentam uma última pergunta a Jesus: quando iria ser implantado o Reino de Deus? Jesus responde: *“Não vos pertence saber os tempos ou as épocas que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder.”* A isto acrescenta que receberão poder para serem testemunhas de Cristo em todos os lugares do mundo.

Compreender

Estes versículos servem de introdução ao livro de Actos - são o projecto que o livro quer mostrar. Os discípulos, cheios do poder do Espírito Santo, chegam com o evangelho até os confins da terra.

Este texto possui algumas questões importantes que merecem a nossa atenção. A primeira delas está ligada à ânsia por conhecer o final dos tempos. Esta é uma tendência antiga que se fez presente de maneira muito forte na época do Novo Testamento. A exortação é muito directa. O final dos tempos é da competência única do Pai. O que compete ao povo de Deus é a

missão. Para exprimir isto, o texto apresenta duas palavras muito fortes que são traduzidas por “tempos ou épocas”. A palavra usada para tempo indica o tempo cronológico - este tempo é o tempo próprio dos seres humanos na forma em que organizam a sua vida. A palavra época é a tradução de um termo que também poderia ser traduzido por “tempo”. Só que este tempo não é igual ao tempo cronológico, é o tempo de Deus. A melhor tradução seria “tempo oportuno”. Com isto o texto reforça a ideia de que não compete aos seres humanos conhecer absolutamente nada a respeito do tempo futuro.

A segunda delas está ligada à promessa do poder - o Espírito Santo. Antes da descrição da competência humana, o texto introduz a promessa do poder do Espírito com uma palavra também forte. A palavra traduzida por poder indica um poder dinâmico. Ou seja, o poder do Espírito é um poder que gera movimento, que gera acção. Por isso este texto é a introdução ao livro de Actos dos Apóstolos. O texto afirma que qualquer poder que não gere missão não é do Espírito Santo.

A terceira delas é consequência desta segunda. A competência dos discípulos é de serem testemunhas de Cristo, começando pelo lar (Jerusalém), passando pelos vizinhos (Judeia), atingindo os inimigos (Samaria) para, enfim, alcançar os confins da terra. Por isso o livro de Actos termina de uma maneira muito estranha, com Paulo preso em Roma. O que aconteceu a Paulo? O texto não nos diz, pois não quer falar sobre pessoas, por mais importantes que elas possam ser. Quer falar da mensagem cristã chegando ao extremo da terra (Roma).

O texto anuncia que a vocação básica do cristianismo é a missão. Não fazem parte desta vocação as adivinhações acerca do futuro ou as manifestações de algum poder que não seja o poder do

Espírito, que gera missão e não a exaltação de pessoas, mesmo que possam ser Pedro ou Paulo. A missão é o bilhete de identidade do cristão.

Contextuação

Este texto tem uma ligação muito grande com as nossas igrejas de hoje. Cremos que estes desvios estão presentes no nosso meio. Muitas vezes ficamos como os discípulos, olhando para o céu, procurando ver a volta de Cristo. Outras vezes buscamos manifestações do Espírito que atendam à nossa vaidade, recusando vocações para actividades que não sejam as “mais importantes”. Por fim, não menos tentador é o desejo de que a nossa história pessoal seja contada. Assim, muitas vezes o conceito de missão fica descartado, como algo sem importância. A busca pelo poder e pela auto promoção acaba por gerar um movimento que não é um movimento missionário, nem fruto do Espírito Santo.

As nossas comunidades são desafiadas a escreverem as suas histórias a partir da prática missionária. Uma história que não fale de pessoas, nem de “Heróis da fé”, mas que fale do testemunho do evangelho de Cristo que ainda procura atingir os confins da terra, sem deixar de lado a casa, os vizinhos e aqueles que não nos são agradáveis.

Reflectir em grupo

1. Destaque os pontos principais da lição.
2. Acha que o seu grupo tem o “bilhete de identidade” de cristão? Comente.

4. Olhando este caderno como um todo, destaque os pontos principais da sua aprendizagem sobre a missão.
 5. Faça alguns cartazes com essas ideias principais.
 6. Se possível faça um relatório destas principais observações e envie para a Coordenação da Área de Evangelização. Acrescente sugestões para melhorarmos estes nossos Cadernos!
- OBRIGADO!**